

Desconfiança traz a crise

A certeza de que as facções esquerdistas estão em fase de desagregação tem sua origem no clima de desconfiança mútua existente entre todos os que as integram. Ao expor essa opinião, uma autoridade federal observa que as questões de segurança são fundamentais para a existência de uma organização clandestina.

Não havendo confiança recíproca — Massafumi disse que era conduzido a "aparelhos" de olhos vendados — nenhum elemento se considera seguro e a inquietação, a incerteza e a tensão passam a ser norma na vida do terrorista.

Segundo o mesmo observador, essa insegurança resulta das divergências internas quanto aos métodos de ação, das disputas pelos cargos de liderança e do temor de serem denunciados pelos que lá estão presos e localizados pela Polícia. Na medida em que esse clima de insegurança aumenta, aos remanescentes surgem duas alternativas: apresentar-se às autoridades ou deixar o País, procurando abrigo e apoio do movimento comunista internacional. Tornam-se, então, apátridas, pois, subvencionados por órgãos comunistas internacionais, passam a desenvolver suas ações em áreas onde a repressão é menos intensa do que no Brasil, seguindo os exemplos clássicos do argentino "Ché" Guevara e do francês Debray. O Uruguai, o Chile e a Bolívia são os países onde procuram abrigo. Mas

a maioria prefere Havana para "ampliar" os seus conhecimentos de técnica de guerra de guerrilhas.

As divergências resultantes das lutas pela conquista de posições de liderança nas organizações subversivas não constituem fato novo para as autoridades encarregadas da repressão. Entre outros numerosos exemplos, há um que é considerado significativo, por envolver um dos principais elementos dos grupos do terror e ex-cabo Mariani.

O ex-militar, que se evadiu do 4.º RI, em São Paulo, em companhia de Lamarca e outros, foi preso no início deste ano em Muriaé, Minas Gerais, quando transitava, tranquilamente e sem nenhum meio de disfarce, pelas ruas principais daquela cidade, apesar de ter sua fotografia reproduzida em todos os cartazes de terroristas procurados pela Polícia.

Ao passar perto de dois agentes policiais mineiros, o ex-cabo fitou-os como que pedindo para

que o reconhecessem e a sua prisão deu-se porque, como permanecesse em dúvida, Mariani continuou andando mas olhando para trás, o que suscitou a suspeita dos policiais. Mariani imediatamente se identificou e prometeu dizer tudo o que sabia sobre as organizações subversivas.

Mariani tompera com Lamarca e seu grupo, algum tempo após a fuga do 4.º RI, durante o episódio da divisão dos fuzis "Fal" que haviam roubado daquela uni-

dade de militar. O ex-cabo achava que Lamarca deveria entregar todos os 64 fuzis à guarda do grupo do ex-deputado Carlos Mariábel; o ex-capitão vetara a proposta, houve troca de palavras ásperas entre ambos e o cabo Mariani foi agredido por Lamarca, que lhe deu violento tapa no rosto.

O ex-cabo desapareceu mas sabia que estava sendo caçado por seus ex-companheiros de subversão, por ter "desertado".

Lamarca, o falso mito

Na escala hierárquica do movimento esquerdista, o ex-capitão Carlos Lamarca é considerado apenas um chefe especializado na elaboração e execução de planos de ações violentas, função que lhe foi atribuída em razão dos conhecimentos de estratégia militar que possui. Um exemplo significativo de missões dessa natureza é a instalação das "bases" para treinamento de guerra de guerrilhas no Vale do Ribeira, onde submetia seus companheiros a rigoroso programa de treinamento de "fira ao alvo".

Lamarca, que é exímio atirador, participou de alguns assaltos a bancos, mas a sua presença nesse tipo de ação somente foi confirmada em um deles o que ocorreu na rua Piratininga. Na ocasião, Lamarca encontrava-se no interior de um automóvel Volkswagen e, ao verificar que um guarda-civil se dirigia ao banco para tentar prender seus companheiros, atirou o gatilho de uma arma privativa das Forças Armadas e, de uma distância de 40 metros, feriu-o mortalmente. Quando a vítima ainda cambaleava, desfechou dele outros tiros, atingindo o nariz e o pescoço do guarda-civil.

O ex-sargento Darcy Rodrigues, preso em abril último no Vale do Ribeira, confirmou que Lamarca participara desse atentado e que fôra o autor da morte do guarda-civil.

No episódio do sequestro do embaixador Von Holleben, as autoridades federais suspeitam que Lamarca tenha participado de forma efetiva da ação, mas até o momento não obtiveram informação alguma que positivasse a presença do ex-capitão no atentado. Tem, porém, certeza de que ele foi um dos comandantes dessa ação terrorista.

Os resultados da "Operação Registro", desencadeada em 19 de abril último no Vale do Ribeira para cercar um grupo de subversivos que, liderado por Lamarca, ali se instalara para realizar treinamento de guerra de guerrilhas, constituem indicação segura de que as organizações terroristas estão totalmente desarticuladas.

Na ocasião, tropas federais e estaduais conseguiram estabelecer um "cinturão" em torno de uma área onde Lamarca e os remanescentes do grupo se encontravam e a sua prisão chegou a ser prevista até com hora marcada.

Na opinião das autoridades federais, se as facções terroristas efetivamente não estivessem desarticuladas elas fatalmente se reuniriam para oferecer a Lamarca a "cobertura" necessária para possibilitar a sua fuga. Na oportunidade, os órgãos de segurança chegaram a admitir a possibilidade de sequestro de alguma autoridade e, como exigência para seu resgate, a retirada das tropas que haviam sido mobilizadas na operação militar.

Tal, porém, não aconteceu e o ex-capitão Lamarca somente conseguiu se evadir "por um golpe de sorte". Ele e seu grupo dominaram a soldados que se encontravam no interior de uma viatura e utilizaram-se do mesmo veículo para abandonar a área.